

## DOIS MOVIMENTOS

**\*Roberto Rodrigues**

Informações divulgadas recentemente apontam para o crescimento do padrão tecnológico na safra brasileira de 2011/2012: haverá novo recorde de venda de fertilizantes, a procura por sementes também está crescendo e foi grande a venda de máquinas e implementos agrícolas na Agrishow e em feiras similares. Todos são indicativos claros naquela direção e também sinalizam um possível aumento da área plantada, especialmente em pastagens degradadas.

Tudo isso resulta do maior estímulo para a produção rural que é o bom preço das commodities em geral. Mas não se trata apenas de uma postura dos agricultores tradicionais do Brasil.

Dois outros movimentos muito nítidos vão se delineando, um aqui e outro no exterior.

Internamente, vem crescendo o interesse de investidores de fora do setor rural na produção agropecuária. Este fato não se baseia apenas nos altos preços atuais que, de resto, como era previsto, já começaram a cair, ainda que suavemente. Tais agentes são operadores de Fundos ou Companhias de Investimentos que finalmente se deram conta que a terra agricultável disponível no Planeta não vai aumentar muito, que a demanda por produtos do campo – alimentos, fibras, energia e seus sub-produtos – vai crescer, de modo que estes ativos (terra e produtos) passaram a atrair muito mais do que outros, até porque entres eles outros houve perdas espetaculares na famosa crise financeira de 2008/2009.

De qualquer modo, é de olho neste horizonte de longo prazo que tais capitais buscam o campo. E aí tem de tudo: tem aqueles que esperam se beneficiar com a valorização imobiliária em determinado prazo, tem aqueles que desejam montar um projeto produtivo para depois abrir o capital ou simplesmente vendê-lo, e tem aqueles que querem entrar para valer, inclusive já projetando a agregação de valor via agroindústrias ou tradings. Em todos os casos, no entanto, o investidor deseja resultados rápidos, mesmo se o investimento for um negócio meramente imobiliário e precisam produzir bem. E isso tem uma importante consequência: a atividade deve ser lastreada em 2 pilares essenciais, tecnologia e gestão. Os gestores contratados utilizam os mais modernos mecanismos de produção sustentável, com respeito ao meio ambiente e preocupação social. Isto é muito bom, porque gera um efeito demonstração que se propaga por todo o meio produtivo. E, por outro lado, exige segurança jurídica: ninguém vai investir sem o indispensável aparato jurídico que garanta a estabilidade do empreendimento.

Neste sentido, a recente votação do novo Código Florestal tem um efeito bastante positivo, porque tira do horizonte a questão da ilegalidade que vinha assombrando os nossos produtores.

E isto leva ao segundo movimento já referido, o do exterior, porque o Brasil não é o único país com nova fronteira agrícola por abrir. É de longe o maior (tem 72 milhões de hectares cultivados em todas as culturas e mais 93 por cultivar), mas outros países estão aumentando sua área plantada. Países

africanos e do leste europeu estão entre os que mais cresceram ultimamente. Dados da USDA mostram que de 2007 até este ano, a área plantada com os 4 principais grãos (arroz, trigo, milho e soja) aumentou 5% no mundo todo. No leste europeu, junto com as ex-Repúblicas da União Soviética, o crescimento foi de 12%; e nos principais países africanos, foi de 9%.

Só a Ucrânia cresceu 26,7% em suas férteis terras planas. E a Nigéria, 13,1%. No Brasil, segundo o CONAB, a expansão de área plantada, será de 7%, acima de média mundial, mas abaixo destas outras regiões.

Também neste capítulo temos muito que fazer, seja para atrair capitais de fora que queiram investir aqui, seja para evitar que nossos grandes investidores prefiram outras terras.

Segurança jurídica é essencial, como também a nossa velha lição de casa: logística, infraestrutura, acordos comerciais, e apoio ao pequeno produtor, que está fora destes movimentos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**